



“Eu soo gay ou masculino?” - tarefa de julgamento sociolinguístico de gênero e sexualidade: uma investigação sociofonética do pitch médio

Marcus Garcia de Sene

Universidade de Pernambuco, Av. Agamenon Magalhães, s/n., 50100-010, Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: marcus.sene@upe.br

RESUMO. O presente artigo discute o resultado de uma tarefa de julgamento sociolinguístico sobre o efeito da variável ‘pitch’ médio na percepção de quão masculino ou gay soa um determinado homem. A percepção está genericamente associada a um construto relativo ao conjunto de processos pelos quais a nossa cognição reconhece, organiza e entende as sensações recebidas dos estímulos externos. Diante disso, discute-se como os eixos de diferenciações sociais de gênero e sexualidade podem ser indiciados e associados a formas linguísticas específicas na percepção sociolinguística. Para a construção do experimento, selecionou-se oito vozes masculinas, das quais, dois estímulos pareados foram elaborados: o primeiro, em que se manteve original o ‘pitch’ médio e outro cujo ‘pitch’ médio foi alterado em +30Hz. O experimento foi aplicado on-line, com auxílio do *Google Forms* e o design de apresentação dos estímulos aos ouvintes é intra-sujeito. Ao todo, 265 ouvintes participaram do experimento final. Os dados foram modelados e analisados com auxílio da linguagem de programação R. Os resultados gerais indicam que a direção da percepção para os falantes é uniforme: quando os respondentes interagem com o estímulo em +30Hz, sete falantes (Carlos, Lucas, Vitor, Matheus, Neto, Ricardo, Johny) dos oito falantes foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos. A contribuição central deste estudo reside na ampliação das perspectivas sobre o controle da variável gênero na sociolinguística. Em vez de entender o gênero como uma categoria binária e fixa ou, ainda, como sinônimo de sexo biológico, este artigo propõe a consideração de um controle de dois eixos de diferenciação social: masculinidade e *gayness*.

Palavras-chave: gênero; sexualidade; ‘pitch’ médio; percepção sociolinguística.

“Do I sound gay or masculine?” - sociolinguistic judgment task on gender and sexuality: a socio-phonetic investigation of mean ‘pitch’

ABSTRACT. The present article discusses the findings of a sociolinguistic judgment task regarding the effect of the mean ‘pitch’ variable on the perception of how masculine or gay a particular man sound. Perception is generally associated with a construct relative to the set of processes through which our cognition recognizes, organizes, and understands the sensations received from external stimuli. Considering this, the discussion explores how axes of social differentiation regarding gender and sexuality can be indexed and associated with specific linguistic forms in sociolinguistic perception. For the construction of the experiment, eight male voices were selected from which two paired stimuli were devised: the first maintaining the original mean ‘pitch’ and the other with a mean ‘pitch’ altered by +30Hz. The experiment was conducted online with the assistance of *Google Forms*, and the presentation design of stimuli to listeners was within-subject. In total, 265 listeners participated in the final experiment. The data were modeled and analyzed using the R programming language. The overall results indicate a uniform direction of perception for the speakers: when respondents interacted with the stimulus at +30Hz, seven speakers (Carlos, Lucas, Vitor, Matheus, Neto, Ricardo, Johny) out of the eight speakers were perceived as sounding more gay and less masculine. The central contribution of this study lies in the broadening of perspectives on the control of the gender variable in sociolinguistics. Instead of understanding gender as a binary and fixed category or even as a synonym for biological sex, this article proposes to consider a control of two axes of social differentiation: masculinity and *gayness*.

Keywords: gender; sexuality; mean ‘pitch’; sociolinguistic perception.

Received on April 16, 2024.
Accepted on September 7, 2024.

Introdução

Desde o prelúdio do campo da linguagem, sexualidade e gênero nos anos de 1970, muito tem sido escrito sobre o tema a partir de inúmeras filiações teóricas. Dentro das pesquisas sociolinguísticas que integram discussões de gênero e sexualidade, as preocupações iniciais recobriam estudos de ‘diferenças sexuais’ em que o foco da análise era a diferença quantificável entre o uso de uma ou outra variante ou forma linguística por mulheres e homens. A motivação para esse tipo de investigação era menos um interesse em mulheres ou homens em si e mais na compreensão de processos sociais que acionam e promovem a mudança linguística.

A consequência desse tipo de investigação é que a maioria dos estudos sociolinguísticos, em especial aqueles frutos de bancos de dados de fala, tomou o sexo como uma variável social básica, não contemplando, apropriadamente, portanto, a dimensão do gênero. A partir disso, algumas generalizações acerca do comportamento sociolinguístico de mulheres foram criadas a partir das descobertas de Labov (1972) e Trudgill (1974) e, frequentemente, replicadas em estudos brasileiros, a saber: “[...] mulheres assumem um comportamento mais conformista do que os homens a normas sociolinguísticas que são abertamente prescritas, mas menos conformistas do que os homens quando as normas não são abertamente prescritas” (Freitag, 2015, p. 33).

Ao contrário de outras variáveis sociais como a classe social e a escolaridade, que preocupavam as investigações sociolinguísticas e cuja operacionalização foi e continua a ser elaborada e debatida (Rickford, 1986; Milroy & Milroy, 1992), a variável sexo era assumida inteiramente direta e, portanto, não requeria explicação teórica. Tal aspecto é promulgado e ampliado nos estudos sociolinguísticos, em especial aqueles de primeira onda, uma vez que pela necessidade da generalização de padrões de variação, o controle da variável era, na realidade, uma praxe, isto é, “[...] tendo ou não uma hipótese do seu efeito sobre o fenômeno, não há custo operacional em incluí-la na análise, na medida que a categorização já vem pronta, sem requerer reflexões analíticas do pesquisador” (Freitag, 2015, p. 46).

Um dos desafios de operacionalizar a variável sexo/gênero de forma estritamente binária é a tendência dos pesquisadores em formular afirmações cada vez mais generalizadas, o que torna essa abordagem insuficiente para interpretar adequadamente os resultados sobre a relação entre gênero e variação linguística (Cheshire, 2002; Freitag, 2015; Sene, 2022; Clempi, 2024). Além disso, essa prática frequentemente resulta na exclusão da diversidade sexual e de gênero dos estudos sociolinguísticos. No entanto, se as pesquisas de base laboviana têm como objetivo examinar a influência de fatores extralinguísticos na língua, é imperativo que incluam uma perspectiva que vá além do binarismo de gênero. Isso permitiria a consideração de usos linguísticos que transcendem a dicotomia homem/mulher, incorporando dimensões mais fluidas da sexualidade e do gênero, como é o caso da pesquisa desenvolvida neste artigo.

A operacionalização binária privilegiou estudos variacionistas tradicionais que se baseiam apenas em diferenças sexuais entre homens e mulheres. Esse tipo de estudo, conforme alude Coates, pode ser caracterizado como abordagem da dominância (Coates, 2015). Nesse tipo de abordagem, as diferenças da linguagem atestadas entre os sexos seriam causadas pela posição subordinada das mulheres em relação aos homens, por isso elas seriam, conforme estudos sociolinguísticos, mais conservadoras em relação a alguns usos linguísticos em função de seu papel como mães e educadoras (Freitag, 2015).

Esses resultados, frutos de generalizações quantitativas robustas, são importantes para a fotografia sociolinguística de uma determinada comunidade de fala, mas encobrem outras nuances importantes, que é, por exemplo, o fato de que nossa experiência social não se enquadrar em apenas categorias binárias de sexo: mulheres e homens, como se apenas essas duas dessem conta da explicação da dinâmica da variação linguística. Outra questão encoberta com os estudos que enfocam a correlação entre o comportamento linguístico e o sexo biológico do falante é que o tipo de generalização criada pelos estudos de produção sociolinguística homogênea uma ampla gama de usos, mascarando usos extremos e, sobretudo, sem contemplar as ideologias que atuam por trás desses padrões de generalização (Sene, 2022).

Com o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, em especial com a ascensão de estudos de segunda e terceira onda e o escrutínio crítico de autores como Cameron e Kulick (2003), o foco deixou de ser o comportamento linguístico de mulheres e homens - com base na abordagem do déficit e da dominância (Coates, 2015) - e passou a ser concentrar, em vez disso, em como as dimensões de gênero e sexualidade (em todas as suas formas) podem ser construídas através das práticas linguísticas (Levon & Mendes, 2016) ou, ainda, como esses mesmos eixos de diferenciações sociais podem ser indiciados e associados a formas linguísticas específicas na percepção sociolinguística (Sene, 2022).

A percepção está genericamente associada a um construto relativo ao conjunto de processos pelos quais a nossa cognição reconhece, organiza e entende as sensações recebidas dos estímulos externos (áudios, textos etc.). O desejo daqueles que trabalham com percepção sociolinguística é sistematizar esse processo geral e, para isso, necessita-se compreender como os significados sociais são mobilizados nas percepções que os falantes têm quando interagem com algum fenômeno linguístico. Essa questão torna-se ainda mais complexa quando a dimensão de avaliação investigada é a de gênero e sexualidade, isso porque são categorias amplas que permeiam vários aspectos da vida social e, muitas vezes, está associada de forma indireta a outras dimensões sociais como a polidez e o poder, por exemplo. O objetivo primário de uma pesquisa sobre linguagem, gênero e sexualidade, que se preocupa em ir além do binarismo normativo, é depreender a natureza da relação entre as características linguísticas e as dimensões do mundo social que elas evocam (Eckert & Podesva, 2011).

Por isso, neste artigo, a dimensão de gênero é examinada sob a luz da masculinidade, enquanto a sexualidade é investigada a partir da orientação sexual, ou melhor, da homossexualidade. Considerando que esta pesquisa é sobre percepção sociolinguística, mais especificamente sobre uma tarefa de julgamento sociolinguístico, o presente estudo conjectura examinar como a variável ‘pitch’ médio participa do processo de construção e percepção do significado social de gênero e sexualidade para além do binarismo homem e mulher. Em outras palavras, esta pesquisa utiliza-se da variável ‘pitch’ médio para refletir sobre a dimensão contínua do gênero e da sexualidade no nível da percepção, isto é, não interessa a este estudo a categorização entre homem vs. mulher, mas de que modo a percepção sobre masculinidade e *gayness*¹, que é contínua e variável, pode ser alterada com base na manipulação de uma variável linguística.

A emergência de novas investigações sobre a sexualidade e o gênero nas pesquisas sociolinguísticas

Embora as diferenças nos padrões de variação linguística entre homens e mulheres sejam indícios de diferenças de gênero e apenas indiretamente de sexo, a sociolinguística tem examinado a interação entre gênero e variação interseccionando apenas a variável sexo, ao invés dos papéis de gênero (Eckert, 1989). Todavia, a diferença entre os dois sexos não é um fato biológico, mas social: os homens não usam certas variantes de uma determinada maneira devido à sua anatomia, hormônios ou cromossomos específicos, mas sim porque foram socializados para usar a linguagem ‘como um homem’. Nos primeiros trabalhos da área, pouca atenção foi dada à complexidade do gênero e, como consequência, o binarismo normativo foi prescrito como certo.

Reações gerais emergiram a essas abordagens tradicionalistas que enfocam a diferenças sexuais e, com base em um construcionismo social, nasce um combate a afirmações gerais e ‘vazias’ sobre mulheres e homens. A partir dessa perspectiva, emergiu a necessidade de tratar o gênero como uma construção linguística a ser estudada localmente e em práticas reais (Eckert & McConnell-Ginet, 1992). Essa abordagem busca superar o pensamento estritamente binário na construção linguística do gênero, promovendo, ao mesmo tempo, análises críticas dos discursos normativos de gênero (Bucholtz, 2003). Ao direcionar o foco para a complexidade das práticas linguísticas cotidianas, essas pesquisas abrem caminho para uma compreensão mais nuançada e crítica da relação entre linguagem e gênero.

Novas perspectivas de investigação foram integradas à sociolinguística a partir da incorporação de outros modelos teóricos importantes para o estudo do gênero e da sexualidade, como é o caso da perspectiva de identidade social (Bucholtz & Hall, 2005), papéis de gênero (Cameron & Kulick, 2003; Bonnie Mcelhinny, 2014; Sene, 2022), comunidades de práticas (Eckert & McConnell-Ginet, 1992) e matriz de inteligibilidade de gênero (Butler, 2003), modelos oferecidos pelos estudos culturais, antropológicos, *queer* etc.

Com essas novas tendências, o foco muda para a visão sobre gênero não como um atributo dado aprioristicamente, mas como uma conquista interacional, como uma performance ao invés de um ‘dado’, como uma representação que pode se manifestar diferentemente a depender das culturas, comunidades e, até mesmo, dos indivíduos. Isso implica em abandonar a diferença simples entre ‘mulher’ vs. ‘homem’ e permite aos pesquisadores encararem a diversidade de gênero, com um foco maior nas diferenças dentro dos grupos de gênero tradicionalmente concebidos, isto é, buscando compreender como a dimensão da masculinidade e da feminilidade se constroem na e pela linguagem. Ademais, busca-se, também, compreender a relevância da

¹ Utiliza-se ‘gayness’ para referir-se à dimensão do soar gay. Como não há uma tradução que não seja pejorativa para o termo, opta-se por manter, em algumas partes do texto, o termo em inglês.

dimensão da sexualidade para as práticas linguísticas de indivíduos que fogem do *mainstream*, a saber: homens gays, mulheres lésbicas, *drag queens*, travestis, entre outros.

É difícil datar, com exatidão, quando o campo da sexualidade e da linguagem se interseccionaram. Chesebro (1981) aponta a publicação intitulada '*Gayspeak: Gay Male and Lesbian Communication*' como a primeira grande publicação em que o foco não recobria o binarismo homem e mulher, mas relacionava questões sobre a linguagem lésbica e gay. A partir desse estudo, muitos outros trabalhos, agora com foco na sociolinguística, apareceram com o objetivo de identificar características fonológicas (Moonwomon, 1985; Avery & Liss, 1996) e discursivas (Leap, 1995; 1996) que pudessem caracterizar uma forma de falar 'gay' ou 'lésbica'. Esse trabalho sobre produção linguística foi acompanhado de outros estudos de percepção sociofonética nos quais estudiosos empregaram métodos experimentais na tentativa de correlacionar a capacidade e habilidades dos ouvintes para identificar, corretamente, a orientação sexual de um falante com base em algumas pistas específicas do sinal linguístico (ex. Moonwomon, 1985; Gaudio, 1994; Linville, 1998).

Essa perspectiva, ainda que acrescente a dimensão da sexualidade, abrange apenas questões sobre como as pessoas representam a sexualidade nas suas falas, ignorando questões sobre como a sexualidade e identidade sexual são representadas linguisticamente numa variedade de gêneros (Cameron & Kulick, 2003). Nessa perspectiva, os estudos em questão tornam-se puramente logocêntricos quando se vê a língua apenas como um código verbal e escrito que identifica identidades sexuais. Ademais, esse tipo de trabalho também é compreendido, com base em Eckert (2012), como de natureza meramente correlacional, em que se assume que uma estrutura social subjacente é a causa da prática linguística, o que significa que, qualquer pesquisador poderia explicar as práticas observadas apenas correlacionando-as com a estrutura social da qual supostamente emerge.

A partir da década de 1990, mais especificamente com o desenvolvimento da teoria *queer* (Butler, 2003), uma inversão da relação causal entre identidade e prática social é proposta aos modelos teóricos que incorporam discussões de gênero e sexualidade. A abordagem *queer* advoga que os falantes recorrem a recursos simbólicos socialmente significativos na representação performativa da identidade (Levon & Mendes, 2016). Em outras palavras, a identidade social não é a causa do comportamento observado, mas o seu resultado (Sene, 2022). Essa nova abordagem, conhecida como construcionista (Eckert, 2012), promoveu grandes mudanças nas pesquisas de linguagem, gênero e sexualidade, especialmente ao incorporar, pelo menos dentro da dimensão sociolinguística, a relação entre língua e significado social.

A partir da teoria da indicialidade, que discute o mecanismo pelo qual se relacionam uma forma linguística a significados sociais, formas linguísticas podem apontar para diferentes significados sociais de maneira indicial, isso implica dizer que os significados sociais não estão ligados às formas linguísticas diretamente. Uma mesma forma linguística pode ter uma gama de significados sociais que estejam associados a ela de maneira indicial; o que determina a mobilização desses significados não é o sinal linguístico em si, mas o princípio de coocorrência, que é a ligação semiótica de um significado não referencial a uma forma linguística.

Nesse sentido, a dimensão de 'masculinidade', 'feminilidade', 'gayness', entre outras categorias sociais não constituem significados que estão disponíveis aprioristicamente a quem somos, nem a traços que temos, mas a "[...] efeitos que produzimos por meio de coisas particulares que fazemos" (Cameron, 1997, p. 49). Nesse sentido, a ligação existente entre linguagem e categorias sociais do tipo do gênero e da sexualidade são frequentemente indiretas. Sene (2022), a esse respeito, discute que "[...] uma pesquisa sociolinguística pode verificar uma correlação em que mulheres são relativamente mais propensas a usar a palavra 'por favor' do que os homens". Todavia, associar este uso às mulheres de forma direta seria um equívoco (Ochs, 1996), pois outro estudo poderia averiguar que (certos) homens "[...] também podem usar a mesma expressão frequentemente sem tentar soar como uma mulher ou na tentativa de serem percebidos como femininos ou efeminados" (Sene, 2022, p. 45). Em vez disso, 'por favor' pode estar indiciando mais diretamente a noção de polidez, que, por sua vez, pode ser relacionada, indiretamente e em certos contextos (em sentido amplo) e culturas a dimensões de feminilidade.

Esta abordagem construcionista da linguagem, da sexualidade e do gênero gerou um novo tipo de investigação sociolinguística: em vez de tentar catalogar um modo de falar característico de lésbicas ou gay, o que incorreria em outro tipo de binarismo, a pesquisa que se situa nessa perspectiva procura analisar as maneiras pelas quais os falantes usam a língua para construir *personas* sexuais. Nessa perspectiva, interessa verificar como algumas práticas linguísticas passam a ser identificadas com certas identidades e, sobretudo, atestando-se de que maneira os indivíduos fazem uso dessas ligações salientes em suas vidas para criarem

personas diferentes (Livia & Hall, 1997). Do ponto de vista da percepção sociolinguística, na perspectiva construcionista, ao contrário dos trabalhos que procuravam determinar como os ouvintes conseguiam identificar as orientações sexuais dos falantes, estudos mais recentes visavam, em vez disso, isolar as características que estão indicialmente ligadas à sexualidade e ao gênero, independentemente das orientações sexuais dos próprios falantes e dos potenciais papéis de gêneros desempenhado por eles (Crist, 1997; Smyth, Jacobs, & Rogers, 2003; Levon, 2006; Mendes, 2018; Sene, 2022).

Ao considerar que a fala transmite paralelamente informações que perpassam o significado referencial de uma dada sentença, cabe aos pesquisadores da abordagem construcionista verificarem o porquê uma dada voz poderia mobilizar algumas dimensões de ‘masculinidade’, ‘feminilidade’, ‘inteligência’, ‘gayness’ em vez de investigar se os ouvintes são capazes de identificar corretamente a sexualidade ou os papéis de gênero que possam estar associados aos falantes apenas ouvindo suas vozes. Um exemplo desse tipo de investigação é o trabalho de Levon (2006), que desenvolve um experimento sociolinguístico para investigar, a partir de um controle rigoroso de variáveis específicas, a percepção de homossexualidade em falantes do sexo masculino. Em outras palavras, o pesquisador buscou manipular duas variáveis linguísticas (‘pitch’² range e duração das sibilantes /s/ e /z/) e verificar de que modo a percepção dos falantes se altera, a depender do estímulo ouvido. Para isso, Levon (2006; 2007) grava dois falantes do sexo masculino, ambos eram brancos, com idades entre 20 e 30 e poucos anos.

Ambos leram uma passagem de uma narrativa neutra sobre um tópico típico da cidade de Nova York, ou seja, uma plataforma de metrô lotada em Manhattan. Essa passagem foi projetada de modo a controlar o número e a posição das sibilantes: (i) a fricativa alveolar surda /s/, (ii) a fricativa alveolar sonora /z/ e a (iii) fricativa palatoalveolar surda /ʃ/. De posse das gravações, o pesquisador manipulou os segmentos auditivos de modo a criar quatro estímulos derivados da gravação. De modo geral, em relação ao efeito do estímulo sobre a percepção dos ouvintes, foi possível observar semelhança no modo como ouvintes avaliaram as escalas de efeminado x masculino e gay x hétero.

Em outras palavras, na medida em que se avaliava um estímulo como soando efeminado, também avaliava como soando gay. Esse resultado é testado estatisticamente por Levon (2006), que confirma a existência de uma correlação das avaliações dos ouvintes nessas duas escalas ($r = -0.487$, $p < 0.001$). Para a escala de efeminado x masculino, destaca-se que o ‘pitch’ range teve efeito sobre a percepção dos ouvintes apenas quando combinada com a duração curta da sibilante, e a duração da sibilante só foi eficaz quando associada com redução em 25% da amplitude do ‘pitch’ range. Esse resultado é revelador, na medida em que evidencia que a interdependência das duas variáveis “[...] apoia a compreensão gestáltica da indicialidade” (Levon, 2007, p. 546). Isso equivale a dizer que as características linguísticas não são salientes (ou indiciam significados sociais) por conta própria, mas sim que, em geral elas, ‘trabalham’ em grupo para apontar para significados sócioindiciais.

A perspectiva construcionista, que enfatiza o gênero como uma performance interacional e uma conquista social, permite compreender que a relação entre linguagem e identidade de gênero não é direta, mas mediada por práticas culturais e sociais. Com essa nova perspectiva de investigação, cabe, então, aos pesquisadores da sociolinguística operacionalizar a variável gênero de forma contínua e não estática. Com esse processo, gênero não seria entendido como atributos inerentes ou biológicos, mas como efeitos de práticas discursivas que se manifestam de maneira contextual e contínua. Isso desafia as abordagens tradicionais que tratavam o gênero e a sexualidade como categorias fixas.

Ao considerar que gênero pode ter diferentes valores sociais a depender das etapas da vida e dos locais de interação, sua operacionalização precisa estar associada a dimensões de continuidade. Em vez de associar uma forma linguística de forma inerente ao sexo do falante, se mulher ou homem, cabe às novas tendências de investigação sociolinguística tratarem a variável gênero (e não sexo biológico) de forma contínua, isto é, possibilitando explorar como as formas linguísticas podem indicar dimensões de mais ou menos masculinidade/feminilidade. Com essa nova perspectiva de investigação, o campo da sociolinguística poderá explorar novas variáveis linguísticas que podem eventualmente atuarem nos papéis sociais e identidades dos falantes.

Entre variáveis linguísticas que poderiam ser tratadas de forma contínua para discutir a dimensão do gênero para além do binarismo está a variável ‘pitch’ médio, que, neste artigo, foi explorada como binária (‘pitch’ médio original + ‘pitch’ médio alterado em +30Hz). Pesquisas em fonética acústica indicam que as

² A frequência fundamental (F0) é considerada o mais importante dos parâmetros para que se tenha a percepção de altura (sons agudos ou graves) e também de intensidade (sons fortes ou fracos) de vozes. Quanto maior ou menor uma frequência, respectivamente maiores e menores serão a altura e a intensidade dos sons. No nível perceptual, esta impressão auditiva é chamada de ‘pitch’. O ‘pitch’ corresponde à sensação de som grave ou agudo, e suas escalas”.

vozes masculinas, em média, variam aproximadamente entre 100 a 120 Hertz (Kent & Read, 2015). Essas medidas são para homens cisgêneros. Uma pesquisa sociolinguística que quisesse examinar a percepção de masculinidade poderia, com base nessas medidas gerais e com vozes masculinas, elaborar estímulos auditivos que variassem entre aqueles que soam como vozes masculinas mais graves (grossas, em termos não-linguístico) até aquelas que soam como vozes menos graves (finas, em termos não-linguísticos). Diante de um conjunto de estímulos pré-determinados, essas dimensões binárias (voz fina vs. voz) grossa poderiam ser exploradas de forma contínua, de modo a atestar, a partir de quantos Hertz, a dimensão de masculinidade é afetada na percepção e, sobretudo, a partir de que ponto (em Hz) uma voz deixa de ser interpretada como uma voz que soa masculina para como uma voz que soa mais efeminada, por exemplo. Essa interpretação, que leva a dimensão de continuidade do que soa mais ou menos masculino, recobriria, ainda, a interpretação social do que é ser homem dentro de um modelo cultural ocidental.

É importante esclarecer que, considerando a emergência do gênero neutro na América Latina, as variáveis linguísticas precisam ser testadas de modo a compreender como elas atuam na construção de performances de gênero e, também, sexualidade, daqueles corpos dissidentes, que se situam fora de uma norma esperada. Os corpos trazem marcas de gênero que os inscrevem, materializam e tornam inteligíveis culturalmente (Butler, 2003), nesse cenário a língua também atua como construtora de identidades e colaboram na performance de gênero. Diante disso, novos desafios emergem para a operacionalização de variáveis linguísticas que atuem nesses padrões de construção identitárias e performativas.

A sociolinguística já deu o primeiro passo quando rompe com a visão essencialista e passa, por exemplo, à abordagem construcionista de gênero e sexualidade. Essa mudança de paradigma marca um avanço significativo no campo, desafiando as concepções tradicionais e binárias que outrora dominavam as investigações. Ao considerar o gênero não como uma essência biológica, mas como uma construção social dinâmica, mediada por práticas discursivas e culturais, essa perspectiva abre novos caminhos para entender a complexidade das identidades de gênero e sua manifestação na linguagem. A adoção de uma visão contínua de gênero permite uma análise mais refinada e crítica das formas linguísticas, possibilitando a exploração de novas variáveis que refletem as nuances das práticas de gênero e sexualidade na sociedade. Esses avanços metodológicos e teóricos não apenas enriquecem a compreensão das interações linguísticas, mas também oferecem uma base sólida para futuras pesquisas que busquem desvelar as sutilezas da identidade de gênero em contextos diversos e em constante evolução.

Da variável ‘pitch’ médio à criação do disfarce pareado

A frequência fundamental (f^0) é uma das características mais básicas que podem ser apreendidas por meio do sinal acústico que constitui a fala. Ela se caracteriza, então, como sendo o número de vezes que as partículas de ar vibram em um determinado intervalo de tempo (Ladefoged & Maddieson, 1996). Braid (2003), sobre a f^0 , esclarece que esta é a primeira frequência produzida na glote, o que implica, portanto, no menor componente periódico que se resulta da vibração das pregas vocais. No tocante à percepção, a f^0 é representada pelo correlato acústico ‘pitch’, que é responsável pela percepção de altura da voz, tom e, ainda, melodia. Em outras palavras, a impressão auditiva da f^0 , do ponto de vista perceptual, corresponde à sensação de “[...] som grave ou agudo, e suas escalas” (Braid, 2003, p. 51).

O experimento que aqui será reportado não realiza manipulação da frequência fundamental de modo a alterar qualquer contorno entoacional do falante; pelo contrário, os padrões melódicos serão mantidos os mesmos, apenas haverá alteração da faixa de f^0 média cuja voz é grave para aguda. Intenta-se, com essa manipulação, verificar se a alteração deste elemento linguístico é capaz de mudar a percepção dos ouvintes a respeito de como soa um determinado homem, mais especificamente nas dimensões de quão gay e masculino soariam um falante cuja voz original grave fosse manipulada para aguda. Essa proposta de manipulação é motivada por discursos metalinguísticos quem fazem menção ao fato de que os homens gays ‘têm voz fina’ e ‘afeminada’ – ver Sene (2022) – para uma discussão sobre discursos metalinguísticos e dimensões de gênero e sexualidade.

Para testar se a manipulação do ‘pitch’ médio pode afetar a percepção de como soa um determinado homem, foram realizadas gravações com 8 falantes do sexo masculino, com duração média de 20 min. cada uma. Como o foco de investigação deste estudo não era a produção linguística em si, a entrevista tratou sobre temas simples e os informantes sabiam da intenção da entrevista: as gravações seriam utilizadas para criação de estímulos auditivos para experimentos linguísticos. Para isso, com auxílio do Praat (Boersma & Weenik,

2015) foram mapeados os valores de f^0 para conhecer a variância das vozes³. Essa medição foi realizada com base em um trecho de fala de um minuto de cada informante e, na sequência, o mapeamento dos pontos de início, meio e fim do trecho.

Há uma gama de variação de f^0 por falante conforme ilustra os gráficos de dispersão. Todavia, todos possuem uma variação entre 100 a 120 Hz, o que seria, nos termos de Kent e Read (2015), a variação esperada para um falante do sexo masculino. A medição dessa frequência é importante para esse experimento, dado que caso a elevação do ‘pitch’ médio tenha efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade, é plausível que os falantes selecionados já tenham medidas de F^0 mais baixas, visto que a manipulação de um trecho de fala em que os homens tendem a ter valores médios altos pode resultar na preparação de um estímulo pouco ou nada natural.

O trecho escolhido para manipulação foi aquele em que os falantes tratavam sobre suas preferências climáticas. A duração aproximada de cada estímulo é de 30 a 40 s. A seleção do trecho sobre o clima envolve a expectativa de que esse excerto escolhido seja o mais distante de assuntos sensíveis que pudessem influenciar a percepção. O trecho foi dividido em dois de modo que fosse possível construir estímulos linguísticos de mesmo conteúdo informacional, evitando, portanto, a variação no tópico discursivo de cada trecho. Com essa divisão, de 8 estímulos, passou-se a 16, sendo dois estímulos para cada falante.

Com a seleção dos trechos a serem manipulados, utilizou-se o Praat (Boersma & Weenik, 2015) para criar os outros pares com a versão do ‘pitch’ médio. Todos os oito falantes tiveram um trecho de suas vozes manipulada na mesma direção em +30 Hz. Ressalta-se que a manipulação do ‘pitch’ médio implica na alteração do estímulo como um todo, criando uma versão ‘aguda’ do áudio ‘original’. A técnica utilizada para a criação dos estímulos é a *matched-guise* (Lambert, Hodgson, Gardner, & Fillenbaum, 1960), que consiste na elaboração de estímulos que diferem, minimamente, em apenas uma dimensão – neste caso a versão aguada do ‘pitch’ médio. Com isso, para garantir a opacidade dos estímulos, isto é, para que os ouvintes não estejam cientes da manipulação dos disfarces, um dos trechos foi o original, sem qualquer manipulação, ao passo que o outro foi a versão modificada em +30 Hz- ver Figura 1.

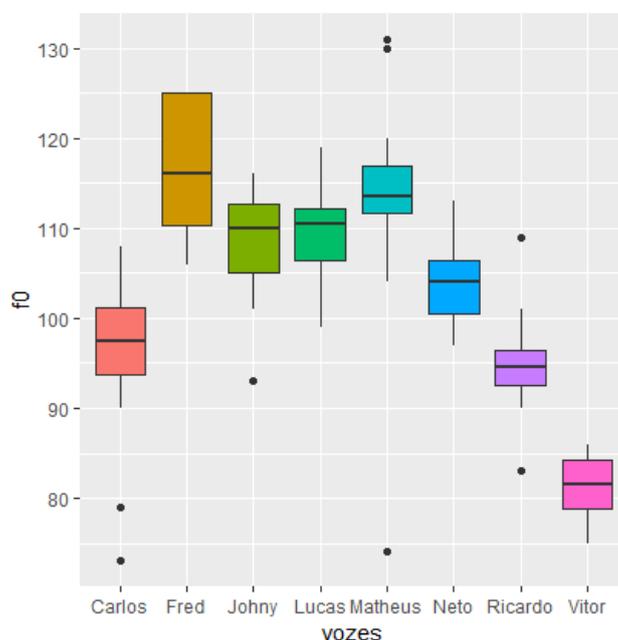


Figura 1. Distribuição das medidas de f_0 por falantes fica mais acessível. Fonte: elaborado pelo autor.

Para a confiabilidade dos resultados, é fundamental que os participantes das pesquisas experienciem os dois estímulos, sem que saibam que estão sendo testados para uma variável específica. Essa decisão permite-nos, então, comparar se e como a percepção do mesmo respondente se alterou quando ouvido o disfarce original do ‘pitch’ médio e com a manipulação do ‘pitch’ médio +30 Hz. Destaca-se, também, que os disfarces pareados foram testados em relação à naturalidade do estímulo, isto é, ambos os disfarces são igualmente plausíveis como algo que o falante poderia dizer.

³A extração das medidas foi realizada por meio de um script desenvolvido por Silva Jr. (2020) e adaptado para esta pesquisa. Toda a extração é realizada no Praat (Boersma & Weenik, 2015) e o script em questão permite a otimização na coleta de detalhes acústicos, como a média, desvio padrão, F0 máximo, F0 mínimo e duração.

O design experimental e a tarefa de julgamento social

Após a criação dos disfarces pareados, foi necessário organizá-los de modo que os ouvintes pudessem interagir com eles. A condição experimental desenvolvida para o presente experimento coloca os ouvintes para interagirem, primeiro, com os disfarces pareados sem qualquer tipo de manipulação, isto é, o estímulo original, e, depois, com os estímulos cujo ‘pitch’ médio foi alterado digitalmente em +30 Hz no Praat. O design experimental escolhido para essa tarefa experimental é o *within-subject*. Nesse design, o mesmo ouvinte interage com as duas versões dos disfarces criados. Esse tipo de delineamento oferece mais robustez ao experimento realizado (Drager, 2014; Sene, 2022), dado que o sujeito e a voz permanecem a mesma, diferente apenas no segmento manipulado, que, no caso deste experimento, é a versão em que o ‘pitch’ médio foi alterado.

O motivo pelo qual não se apresenta: Carlos – original e, em seguida, Carlos + 30Hz, ou seja, disfarce original x disfarce manipulado em +30Hz envolve a necessidade de controlar o efeito de pré-ativação (Borine, 2007) ou efeito de aprendizagem. De modo geral, quando o participante da pesquisa é exposto a um determinado estímulo de forma prévia e, na sequência, ele identifica que o próximo disfarce trata-se do mesmo falante, sua resposta pode ser influenciada por esse efeito de aprendizagem de um estímulo para o outro. Em diversas situações, os seres humanos demonstram sofrer influências do ambiente, de outros indivíduos ou até de objetos com que entram em contato; com estímulos auditivos, portanto, não seria diferente, o que explica o delineamento experimental apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Design do experimento do ‘pitch’ médio.

Condição Experimental	
Vitor – original	Vitor – +30 Hz
Ricardo – original	Ricardo – +30 Hz
Neto – original	Neto – +30 Hz
Matheus – original	Matheus – +30 Hz
Lucas – original	Lucas – +30 Hz
Johny – original	Johny – +30 Hz
Fred – original	Fred – +30 Hz
Carlos – original	Carlos – +30 Hz

Fonte: elaborado pelo autor.

Escolhido o delineamento experimental, foi necessária a criação de um instrumento que capturasse a dimensão avaliativa dos ouvintes. Para isso, uma tarefa de julgamento social foi elaborada com base em escalas de diferenciais semânticos (Osgood, Suci, & Tannenbaum, 1957) e uma caixa de seleção com características sociais. As escalas de diferenciais semânticos são frequentemente utilizadas para avaliar a formação do significado (tanto denotativo, quanto conotativo) e as atitudes dos indivíduos em relação a um dado objeto. Em outras palavras, esse tipo de escala possibilita, portanto, mensurar a reação afetiva das pessoas expostas a estímulos auditivos, palavras, situações objetivas e subjetivas do cotidiano etc. Essas escalas são construídas a partir de adjetivos dispostos em uma escala em que cada extremo é representado por eixos bipolares, definidos como adjetivos antônimos em seus extremos (bonito x feio). Todavia, nem sempre adjetivos bipolares são possíveis para representar adequadamente as dimensões sociais e os significados sociais. Por exemplo, caso de um lado tenha-se uma escala do tipo ‘escolarizado’ não implica, necessariamente, que na outra ponta teria um ‘analfabeto’. Por essa razão, a escala de diferenciais semânticos, neste trabalho, é adaptada de modo a estabelecer, em seus extremos, adjetivos polares: de um lado, o polo positivo (muito bonito) e do outro, o polo negativo (nada bonito).

Para esse experimento, as escalas foram definidas com base em um questionário prévio aplicado com alguns ouvintes para conhecer as reações gerais e quais palavras foram usadas, de forma espontânea, para descrevê-las. Para esse momento, conforme destacado em Sene (2022), os participantes da pesquisa precisavam responder, após ouvir os estímulos preparados, o que eles eram capazes de ‘dizer’ sobre a pessoa cuja voz acabaram de ouvir. Dentre as instruções apresentadas nesse momento, destaca-se que os participantes foram instruídos a ouvirem com atenção os áudios e que ficassem à vontade para apresentar informações, sejam elas físicas, sociais ou de qualquer outra natureza, sobre as vozes que acabaram de ouvir.

As lexias mais frequentes, de acordo com o resultado reportado na pesquisa de Sene (2022) foram: ‘sério’, ‘alto’, ‘corpulento’, ‘hétero’, ‘magro’, ‘inteligente’, ‘gay’, ‘tímido’, ‘rico’ e ‘articulado’. Grande parte dessas palavras apontam para a dimensão da masculinidade hegemônica e isso se dá devido ao fato de que a concepção do que é “soar como um homem” não se assume como uma norma no sentido estatístico, todavia

é reconhecida e incorporada pela sociedade como a forma como um certo homem deve se posicionar (Connell & Messerschmidt, 2013). Outras características apontadas pelos respondentes do pré-experimento e que também estão associadas ao campo semiótico da masculinidade são: ‘trabalhador’, ‘viril’ e ‘robusto’.

Ao considerar que o experimento conta com 16 estímulos auditivos e que, o design experimental escolhido, todos os participantes interagem com todos os estímulos, optou-se por não utilizar todos os adjetivos anteriores como escalas de diferenciais semânticos. Como o foco é atestar se e como a percepção da dimensão de gênero e sexualidade será alterada a depender do estímulo auditivo ouvido pelo participante da pesquisa, neste experimento, o eixo do gênero foi representado a partir da dimensão da masculinidade (nada masculino - muito masculino), ao passo que o eixo da sexualidade será representado pela escala da qualidade de ‘soar gay’ (nada gay - muito gay). Outras duas escalas foram acrescentadas ao questionário, a escala de seriedade e de inteligência, uma vez que essas escalas foram itens lexicais recorrentemente mencionados pelos participantes do pré-experimento.

Um dos motivos pelos quais se trabalha conjuntamente ‘masculinidade’ e ‘gayness’ (soar gay) no mesmo experimento é por que ambas constituem eixos de diferenciação social (Gal, 2016) que, ao mesmo tempo que se completam, se contrastam, uma vez que são ‘qualidades’ que se definem relacionalmente a partir de um imaginário sócio-histórico ocidental. Em outras palavras, um lado do contraste é ideologicamente definido como o que o outro não é; logo, aquilo que soa muito masculino, no imaginário sócio-histórico ocidental, soa menos gay. Sendo assim, as imagens construídas a partir de tais agrupamentos, como colocam Gal e Irvine (2019), são estereótipos, que, segundo as autoras, correspondem a “[...] formas de conhecimento dentro de uma estrutura ideológica” (Gal & Irvine, 2019, p. 118).

Outra razão pela qual gênero e sexualidade devem ser tratados juntos é sucintamente apresentada por Bucholtz e Hall (2004, p. 488) quando escrevem que: “[...] se os pesquisadores insistem que a sexualidade [ou o gênero] seja analisada isoladamente [...], eles correm o risco de interpretá-la por lentes teóricas que podem ser apenas parcialmente reveladoras, na melhor das hipóteses”. Essa tendência em incorporar conjuntamente gênero e sexualidade – mas também outras características sociais – é motivada por investigações sociolinguísticas atuais que procuram questionar análises de categorias unitárias isoladamente, afinal, a compreensão da variação linguística e das identidades sociais deve pressupor uma investigação multidimensional.

Para além das escalas de inteligência, seriedade, *gayness* e masculinidade (Figura 2), também foi inserida uma caixa de seleção com outras características importantes que foram mencionadas nas reações abertas dos participantes do pré-experimento (ver Figura 3). Nessa caixa de seleção, as características sociais inseridas foram as seguintes.

Pela voz desse cara, ele soa: *

1 2 3 4 5 6

Nada sério Muito sério

*

1 2 3 4 5 6

Nada gay Muito gay

*

1 2 3 4 5 6

Nada inteligente Muito inteligente

*

1 2 3 4 5 6

Nada masculino Muito masculino

Figura 2. Escalas de diferenciais semânticos. Fonte: Sene (2022).

Além disso, pela voz desse cara, ele parece: *

(marque quantas características desejar, de acordo com sua opinião)

- Alto
- Jovem
- Rico
- Magrinho
- Simpático
- Bonito

Figura 3. Caixa de seleção com características sociais. Fonte: Sene (2022).

Ao todo, 265 ouvintes participaram do experimento final, que foi aplicado via *Google Forms*. Os dados foram modelados e analisados com auxílio do software R (R Core Team, 2020). Os pacotes necessários para as análises são: *ggstatsplot* (Patil, 2024), *psych* (Revelle, 2024), *GPARotation* (Bernaards, Gilbert, & Jennrich, 2005). Dos 265 participantes, 128 eram de Minas Gerais e 137 eram do estado de São Paulo. Do total, 179 são do sexo feminino e 86 são do sexo masculino. Os resultados dos perfis sociais não serão discutidos nesse artigo em razão da extensão e da proposta inicial deste texto.

Resultados principais

O primeiro passo é examinar como se dispersam as respostas dos ouvintes nas escalas de soar gay e soar masculino. Para isso, dois gráficos do tipo *boxplot*, expostos na Figura 4 a seguir, foram realizados com auxílio do pacote *ggstatsplot* (Patil, 2024).

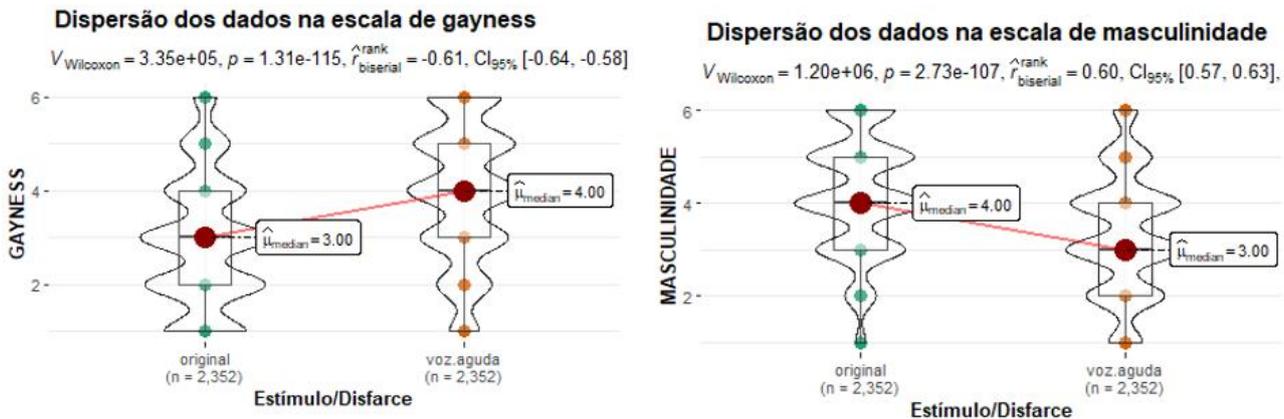


Figura 4. Dispersão geral das respostas nas escalas de gênero e sexualidade. Fonte: elaboração própria.

Ambos os gráficos apresentam padrões semelhantes de respostas, isto é, quando o estímulo ouvido foi alterado em +30 Hz (voz aguda, no gráfico), o estímulo foi indicado como soando ‘mais gay’ e ‘menos masculino’, ao passo que o estímulo em que não foi realizada nenhuma manipulação, o oposto é verificado: quando ‘mais masculino’, ‘menos gay’. Essa diferença é estatisticamente significativa ($p < 0.005$) conforme o resultado do teste de Wilcoxon, versão não paramétrica do Teste T para amostras pareadas. Esse primeiro resultado é fulcral para os próximos passos, dado que é possível atestar que os gráficos são inversamente proporcionais, o que significa dizer que quanto mais X, menos Y. Esse é um indicativo de que as respostas atribuídas nessas duas escalas não são independentes e que, para evitar qualquer tipo de redundância na interpretação dos dados, torna-se relevante inspecionar o grau de associação entre as duas escalas através de uma Análise de Componentes Principais (PCA, no inglês).

A presente técnica é recomendada para determinar o número de fatores que respondem pela máxima variância dos dados, sendo, então, esses fatores chamados de componentes principais (Malhotra, 2010). Ao aplicar o PCA, com auxílio do pacote *psych* (Revelle, 2024), constatou-se que as quatro escalas do experimento: *gayness*, seriedade, inteligência e masculinidade poderiam ser reduzidas a apenas dois componentes principais (CP), denominado: CP 1 - Gênero/Sexualidade e CP 2 -Inteligência. Isso equivale

dizer que as escalas estão se correlacionando na mesma direção. No caso do CP 1, quanto mais gay, menos masculino, ao passo que no CP 2 quanto mais inteligente, mais sério. Destaca-se que o resultado da correlação negativa entre soar gay e soar masculino era esperado para o presente experimento, isso devido ao fato de que, em termos de modelos culturais, essa é a forma como a sociedade dá sentido às coisas do mundo quando o assunto é gênero e sexualidade. A sociedade tem uma tendência de encaixar as pessoas dentro de uma matriz de referência, de modo que, no modelo ocidental, não haja, aparentemente, uma possibilidade de soar gay e masculino ao mesmo tempo. Nesse tipo de modelo cultural, os conhecimentos a respeito de gênero e sexualidade são imbricados de modo a só se considerar um sujeito como inteligível quando ele mantém coerência e continuidade entre sexo e gênero (Butler, 2003).

Após verificar, por meio de uma análise de componentes principais, que o primeiro componente cujo nome é Gênero/Sexualidade explica 76% da variação dos dados, assume-se o referido componente como variável dependente para que seja possível correlacionar as demais variáveis do experimento. Na sequência, verifica-se se as respostas para cada falante variam a depender do estímulo com o qual o respondente da pesquisa interagiu.

O gráfico de dispersão – ver Figura 5 - ilustra que as respostas para cada falante, em grande maioria, variaram a depender do estímulo ouvido pelos respondentes. Uma única exceção foi observada para o falante Fred, já que para todos os demais, a manipulação digital do ‘pitch’ médio em +30 Hz teve efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade, o que implica dizer que sete dos oito falantes foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos quando ouvidos em seus disfarces pareados manipulados em comparação ao disfarce original. As diferenças podem ser observadas para além dos gráficos de violino. Para os falantes Carlos, Johny, Lucas, Matheus, Neto, Ricardo e Vitor, a diferença entre ouvir o estímulo original e o com o ‘pitch’ +30 Hz é estatisticamente significativa ($p < 0.005$) e atestada por meio do teste de Wilcoxon. Esse teste é utilizado para amostras pareadas e visa a examinar se Y (percepção de gênero e sexualidade) varia quando X (estímulo original e ‘pitch’ médio alterado) muda. Sendo assim, a dispersão das respostas mais o teste estatístico confirmam que o ‘julgamento’ na escala de gênero e sexualidade foi diferente quando o estímulo ouvido continha o ‘pitch’ +30 Hz. Uma hipótese que possa explicar a razão pela qual a manipulação do estímulo do falante Fred não teve efeito na percepção pode estar relacionado ao fato de que ele é o único dos falantes cuja variação de $F0$ é maior e, conseqüentemente, tem valor de $F0$ médio mais elevado (ver Figura 1). Essa é uma questão em aberto sobre se há um limite para a manipulação do ‘pitch’ médio; para tal aspecto, o necessário teria sido selecionar mais falantes, em que o ‘pitch’ médio original fosse mais alto.

Essa convergência observada nos resultados pode estar relacionada à visão hegemônica que perdura no ocidente, em especial no Sul Global, do que é ser/soar homem/masculino. Muito embora noções de masculinidades estejam sendo interpretadas no plural e colocadas diante de um enfrentamento de uma crise, ainda há uma visão normativa que perdura fortemente no imaginário social dos sujeitos, especialmente porque, conforme discute Bourdieu (2002), a visão do que é ‘ser homem’, ainda é uma *doxa*, isto é, um conhecimento naturalizado na sociedade, pré-moldado historicamente e, sobretudo, herdado inconscientemente. Complementa-se, ainda, que a coesão das respostas dadas pelos ouvintes que sustentam a correlação negativa entre soar masculino e soar gay pode estar associada à visão de que um determinado homem só é considerado como tal se as normas de coerência de sexo (ter um órgão sexual masculino), gênero (performar masculinidade por meio de práticas como ‘não chorar’, ‘não cruzar as pernas’, ‘falar grosso’) e sexualidade (ser heterossexual) forem atendidas. Logo, na medida em que uma dessas características que auxilia manter a coerência e a continuidade entre sexo e gênero não é devidamente atendida, a noção de masculino começa a ser ‘abalada’, especialmente quando o que não está sendo ‘atendido’ é o fato de a voz ‘não ser grossa’.

À guisa de conclusão

Em termos da sociolinguística da percepção, pode-se afirmar que a relação indicial entre o ‘pitch’ médio e a percepção de gênero e sexualidade passa a ser reconhecida quase que ‘de forma convencional’. Isso devido ao fato de que, historicamente, há uma concepção do que é ‘ser homem’ (Connell, 1995) e, portanto, desenvolve-se uma crença sobre como um determinado homem deve soar ao falar; dentro dessa crença, o tom de voz (f^0) e o seu correlato perceptivo (‘pitch’) são fortes candidatos. Nesse sentido, os estímulos manipulados para soarem ‘mais agudos’ (+30 Hz) tornam-se socialmente reconhecidos dentro desse modelo e, portanto, registrados (*enregistrement*) (Agha, 2003).

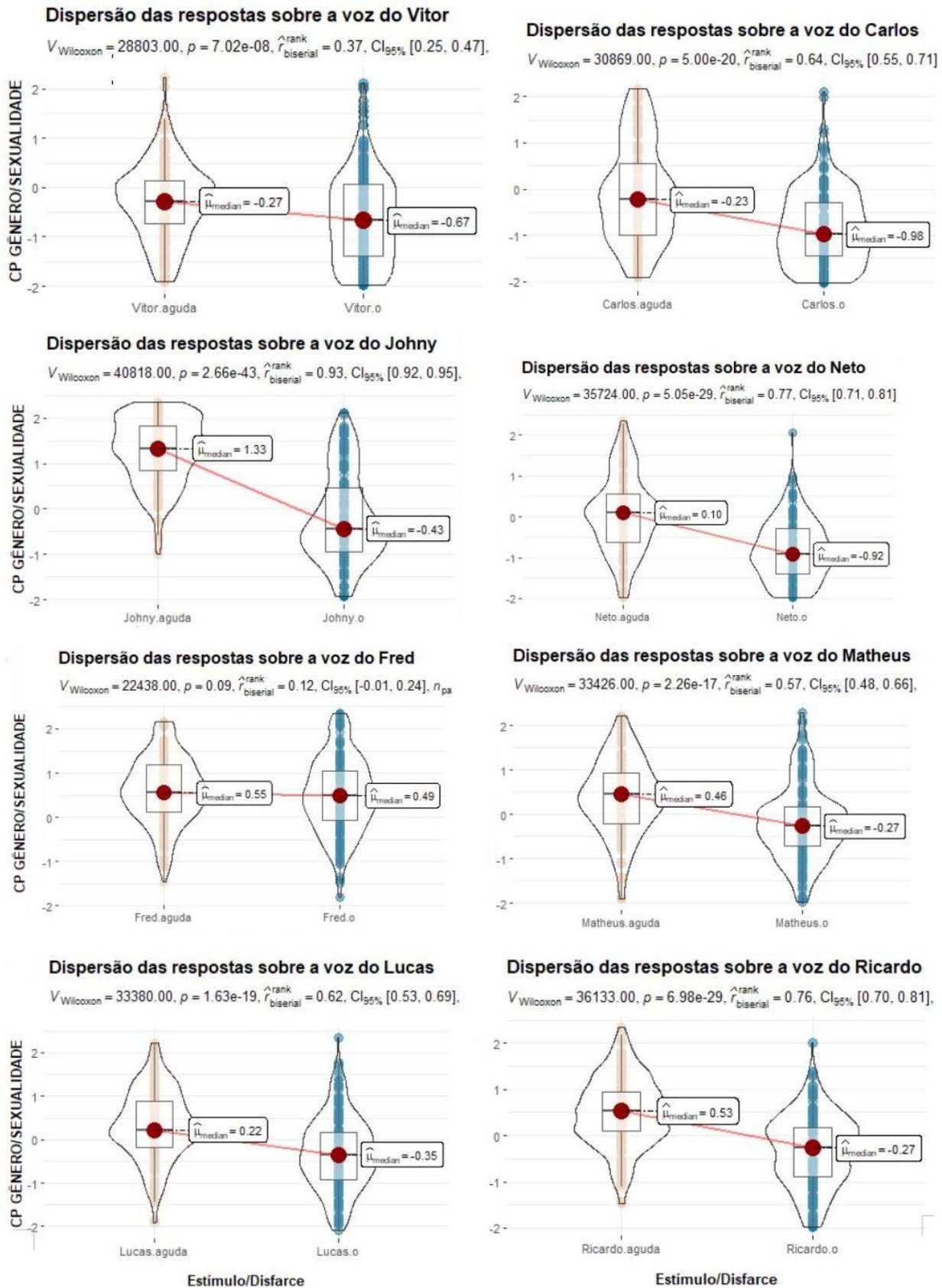


Figura 5. Dispersão das respostas dos participantes, por falante de acordo com o estímulo ouvido.

O resultado desse experimento converge com os resultados de outras pesquisas sobre o tema em outras línguas, em especial, as faladas em países anglófonos (Gaudio, 1994; Rogers, Jacobs & Smith, 2003; Levon, 2007; Munson, 2007). No Brasil, esse tipo de investigação ainda não havia sido desenvolvido com estímulos em português e nem sequer com o controle experimental dos estímulos auditivos. Por fim, reitera-se que a

direção da percepção para os falantes é uniforme: quando os respondentes interagem com o estímulo em +30 Hz, os sete falantes (Carlos, Lucas, Vitor, Matheus, Neto, Ricardo, Johny) foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos.

Para fim, este artigo apresenta uma contribuição, ainda que indireta, para o dossiê ‘Emergência de gênero não-binário na América Latina’, na medida que apresenta uma forma diferente de refletir sobre a variável gênero e sexualidade dentro dos estudos sociolinguísticos. Além de apoiar, com base na mesma variável, o exame contínuo do ‘pitch’ médio como uma alternativa para outras reflexões que desafiariam e reconfigurariam as normas tradicionais de gênero que pensam a dimensão de masculino e feminino de forma estática. Com isso, a contribuição central deste estudo reside na ampliação das perspectivas sobre o controle da variável gênero na sociolinguística. Em vez de entender o gênero como uma categoria binária e fixa, o texto propõe a consideração de um controle contínuo, que abarca as dimensões de mais ou menos masculino e gay.

Ao retomar as ideias de Freitag (2015), é possível argumentar que a abordagem contínua do controle da variável gênero não apenas enriquece a análise as pesquisas na sociolinguística que desejam refletir sobre usos linguísticos e a dimensão de gênero, mas também oferece uma compreensão mais inclusiva das identidades e performances de gênero na sociedade contemporânea. Essa perspectiva amplia o campo de estudo para incluir outras dimensões de gênero que, anteriormente, poderiam ter sido negligenciadas ou tratadas de maneira simplificada. Assim, o texto não apenas contribui para o debate acadêmico sobre linguagem e gênero, mas também abre caminhos para futuras pesquisas que explorem a complexidade das interações entre linguagem, gênero, poder e sexualidade.

Referências

- Agha, A. (2003). The social life of cultural value. *Language & Communication*, 23(3-4), 231-273.
DOI: [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00012-0](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00012-0)
- Avery, J. D., & Liss, J. M. (1996). Acoustic characteristics of less-masculine sounding male speech. *Journal of The Acoustical Society of America*, 99 (6), 3738-3748.
- Bernaards, C., Gilbert, P., & Jennrich, R. I. (2005). *GPArotation: Gradient Projection Factor rotation*. Retrieved from <https://CRAN.R-project.org/package=GPArotation>
- Boersma, P., & Weenik, D. (2015). *PRAAT: Doing phonetics by computer*. Retrieved from <http://www.praat.org/>
- Borine, M. (2007). Consciência, emoção e cognição: o efeito do priming afetivo subliminar em tarefas de atenção. *Ciências & Cognição*, 11(1), 67-79
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação masculina* (2ª ed., M. H. Kühner, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil
- Braid, A. C. M. (2003). *Fonética Forense: tratado de perícias criminalísticas*. Campinas, SP: Millenium.
- Bucholtz, M. (2003). Theories of discourse as theories of gender: discourse analysis in language and gender studies. In J. Holmes & M. Meyerhoff (Eds.), *The handbook of language and gender* (p. 43-68). Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Bucholtz, M., & Hall, K. (2004). Theorizing identity in language and sexuality research. *Language in Society*, 33(4), 469-515. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404504334020>
- Bucholtz, M., & Hall, K. (2005). Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, 7(4-5), 585-614. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461445605054407>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (22a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Cameron, D. (1997). Performing gender identity: Young men’s talk and the construction of heterosexual masculinity. In S. Johnson & U. H. Meinhof (Eds.), *Language and masculinity* (p. 47-64). New Jersey: Wiley-Blackwel.
- Cameron, D., & Kulick, D. (2003). *Language and sexuality*. Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Chesebro, J. W. (1981). *Gayspeak: gay male/lesbian communication*. New York, NY: Pilgrim Press.
- Cheshire, J.(2002). Sex and gender in variationist research. In J. K.Chambers, P. Trudgill, & N. Schilling-Estes (Eds.), *Handbook of language variation and change* (p. 423-434). Oxford: Blackwell,.
- Clempi, C. B. (2024). *Contribuições de teorias sociais de gênero para o estudo da mudança linguística: uma discussão sobre a implementação de marcas de 3P associadas a “você”* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

- Coates, J. (2015). *Women, men and language: a sociolinguistic account of gender differences in language* (3rd ed.). London, GB: Routledge.
- Connell, R. W. (1995). *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles, CA: University of California Press.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Crist, S. (1997). Duration of onset consonants in gay male stereotyped speech. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 4(3), 53-70.
- Drager, K. (2014). Experimental methods in sociolinguistics. In J. Holmes & K. Hazen (Eds.), *Research methods in sociolinguistics: a practical guide* (p. 58-73). Chichester, GB: WileyBlackwell.
- Eckert, P. (1989). *Jocks and Burnouts: social categories and identity in the high school*. New York, NY: Teachers College Press.
- Eckert, P. (2012). Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, 41, 87-100.
- Eckert, P., & McConnell-Ginet, S. (1992). Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology*, 21(1), 461-488. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev.an.21.100192.002333>
- Eckert, P., & Podesva, R. J. (2011). Sociophonetics and sexuality: Toward a symbiosis of sociolinguistics and laboratory phonology. *American Speech*, 86(1), 6-13. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-1277465>
- Freitag, R. M. K. (2015). (Re)Discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In R. M. K. Freitag & C. G. Severo (Orgs.), *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira* (p. 17-74). São Paulo, SP: Blucher.
- Gal, S. (2016). Sociolinguistic differentiation. In N. Coupland (Ed.), *Sociolinguistics: Theoretical debates* (p. 113-136). Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Gal, S., & Irvine, J. T. (2019). *Signs of difference: language and ideology in social life*. Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Gaudio, R. P. (1994). Sounding gay: pitch properties in the speech of gay and straight men. *American Speech*, 69(1), 30-57.
- Kent, R. D., & Read, C. (2015). *Análise acústica da fala*. São Paulo, SP: Cortez.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- Ladefoged, P., & Maddieson, I. (1996). *The sounds of the world's languages*. Oxford, UK: Blackwell.
- Lambert, W. E., Hodgson, R. C., Gardner, R. C., & Fillenbaum, S. (1960) Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60(1), 44-51. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0044430>
- Leap, W. L. (1995). Beyond the lavender lexicon: authenticity, affiliation, and the normativity of 'gay'. *Journal of Homosexuality*, 25(4), 99-118.
- Leap, W. L. (1996). *Word's Out: Gay Men's English* (NED-New edition). University of Minnesota Press. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttv95n>
- Levon, E. (2006). Hearing "gay": Prosody, interpretation, and the affective judgments of men's speech. *American Speech*, 81(1), 56-78. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-2006-003>
- Levon, E. (2007). Sexuality in context: variation and the sociolinguistic perception of identity. *Language in Society*, 36(4), 533-554.
- Levon, E., & Mendes, R. B. (2016). *Language, sexuality, and power: studies in intersectional sociolinguistics*. Oxford University Press.
- Linville, S. E. (1998). Acoustic Correlates of Perceived versus Actual Sexual Orientation in Men's Speech. *Folia Phoniatica et Logopaedica*, 50, 35-48. DOI: <https://doi.org/10.1159/000021447>
- Livia, A., & Hall, K. (1997). *Queerly phrased: language, gender, and sexuality*. New York, NY: Oxford University Press.
- Malhotra, Naresh K. (2010). *Review of marketing research*. Emerald Group Publishing Limited.
- McElhinny, B. (2014). Theorizing gender in sociolinguistics and linguistic anthropology. In S. Ehrlich, M. Meyerhoff, & J. Holmes (Eds.), *The handbook of language, gender, and sexuality* (p. 19-41). New Jersey: John Wiley & Sons.

- Mendes, R. B. (2018). *Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal* (Tese de Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Milroy, L., & Milroy, J. (1992). Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*, 21(1), 1-26.
- Moonwomon, B. (1985). Towards a study of lesbian language. In S. Bremner, N. Caskey, & B. Moonwomon (Eds.), *Proceedings of the first Berkeley women and language conference* (p. 96-107). Berkeley: Berkeley Women and Language Group,
- Munson, B. (2007). The acoustic correlates of perceived masculinity, perceived femininity, and perceived sexual orientation. *Language and Speech*, 50(1), 125-142.
DOI: <https://doi.org/10.1177/00238309070500010601>
- Ochs, E. (1996). Linguistic resources for socializing humanity. In J. J. Gumperz, & S. C. Levinson (Eds.), *Rethinking linguistic relativity* (p. 407-437). Cambridge, GB: Cambridge University Press.
- Osgood, C. E., Suci, G. J., & Tannenbaum, P. H. (1957). *The measurement of meaning*. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Patil, I. (2024). *ggstatsplot: 'ggplot2' Based Plots with Statistical Details*. Retrieved from <https://CRAN.R-project.org/package=ggstatsplot>
- R Core Team. (2021). *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, AU: R Foundation for Statistical Computing.
- Revelle, W. (2024). *psych: procedures for psychological, psychometric, and personality research*. Retrieved from <https://CRAN.R-project.org/package=psych>
- Rickford, J. R. (1986). Social contact and linguistic diffusion: hiberno-english and new world black english. *Language*, 62(2), 245-289.
- Sene, M. G. (2022). *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, Araraquara.
- Smyth, R., Jacobs, G., & Rogers, H. (2003). Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach. *Language in Society*, 32, 329-350. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404503323024>
- Smyth, R., Jacobs, G., & Rogers, H. (2003). Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach. *Language in Society*, 32(3), 329-350.
DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404503323024>
- Trudgill, P. (1974). *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.